

A interseccionalidade, os podcasts e os direitos humanos: uma análise dos programas Bendita Sois Vós e Papo Preto no governo Lula em 2023¹

Fabrine BARTZ²

Deivison Moacir Cezar de CAMPOS³

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Resumo

A pesquisa adota a perspectiva interseccional defendida por Collins (2020) e Akotirene (2019) para refletir os podcasts Bendita Sois Vós, produzido pelo Vós Social, e Papo Preto, desenvolvido pelo portal Alma Preta, durante os primeiros 30 dias do terceiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva. Por meio da Análise de Conteúdo, o estudo, ainda em construção, identifica como os episódios #75 Um mês do novo governo e #119 Manifestações golpistas de 8 de janeiro: A lei é para todos? se diferenciam entre si, considerando que ambos fazem parte da mídia independente e possuem um quadro de apresentadores diverso. Embora sejam direcionados para pessoas da classe alta, os podcasts possuem características interseccionais, marcadas pelas pautas de gênero e direitos humanos, diferente da mídia considerada tradicional.

Palavras-chave: Interseccionalidade; jornalismo; podcast; política, gênero.

A cada vinte e quatro horas, uma é destinada para o consumo de podcasts no mundo (DATAREPORTAL, 2023), o que amplia, cada vez mais, não apenas o alcance, mas a disseminação de informações. Entre os cinco programas nacionais mais ouvidos durante o ano de 2023, dois são jornalísticos, sendo eles A Mulher da Casa Abandonada⁴ e o Café da Manhã⁵, ambos produzidos pela Folha de São Paulo (ALMENARA, 2022). Embora não estejam entre os mais ouvidos, os podcasts jornalísticos de mídias independentes têm ganhado espaço no que se refere ao posicionamento de suas pautas. Neste contexto, por meio da Análise de Conteúdo, a pesquisa adota a perspectiva interseccional para refletir sobre os podcasts Bendita Sois Vós, produzido pelo Vós Social, e do Papo Preto, desenvolvido pelo portal Alma Preta.

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista pela Escola de Comunicação, Artes e Design – Famescos PUCRS, email: fabrinefissbartz@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Coordenador e professor de jornalismo da a Escola de Comunicação, Artes e Design - Famescos PUCRS, e-mail: deivison.campos@pucrs.br

⁴ Disponível em: <https://open.spotify.com/show/0xyzsMcSzudBIen2Ki2dqV?si=4a8dfc0532004b48>. Acesso em: 22 mar. 2023.

⁵ Disponível em: <https://open.spotify.com/show/6WRTzGhq3uFxmrxHrHh1lo?si=02a4d0151ef74bc5>. Acesso em: 22 mar. 2023.

A escolha do formato podcast se deve a dinamicidade de vozes, que se diferencia do rádio tradicional no processo de superação dos estereótipos sociais associados ao gênero (MORALES; FERREIRA, 2022). Essa identificação ocorre porque a voz transmite as características de quem fala, incluindo aqueles de ordem social como, por exemplo, escolaridade, renda, raça e gênero.

O jornalismo tem sido analisado por diferentes pesquisadores a partir da teoria interseccional, principalmente nos últimos quatro anos. Na Universidade Federal de Ponta Grossa, no Paraná, uma pesquisa elabora uma reflexão sobre os estudos feministas e de gênero com as teorias do jornalismo, especialmente o pensamento de Adelmo Genro Filho, com objetivo de pensar um jornalismo interseccional como uma proposta epistemológica (CABRAL; WOITOWICZ; ROCHA; AMARAL, 2021). Considerando que “a interseccionalidade está a caminho de se tornar uma teoria social crítica capaz de abordar problemas sociais contemporâneos e mudanças sociais necessárias para solucioná-las” (COLLINS, 2022, p. 14), a pesquisa seguirá táticas de análise ainda em construção.

A interseccionalidade também considera que marcadores como a orientação sexual, a nacionalidade, a capacidade, a etnia e a faixa etária são inter-relacionados e moldam-se mutuamente (COLLINS; BILGE, 2020). Nomeada em 1989, pela jurista estadunidense Kimberlé Crenshaw, a interseccionalidade já aparecia em debates sociais nos Estados Unidos na década de 1960 (PEREIRA, 2021). No Brasil, Lélia Gonzalez já mostrava preocupação com a interseccionalidade durante seus discursos nos anos 70 e 80 ao mencionar que as organizações de mulheres excluem as experiências de mulheres negras (CHAVES, 2020).

Levando em consideração os critérios de noticiabilidade elencados por Traquina (2005) - que refere-se, entre outros elementos, a notoriedade, relevância e a novidade -, a pesquisa analisa em cada um dos programas o episódio que apresenta o resultado do primeiro mês do terceiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva. A escolha do período, reforça a mudança estrutural a partir das propostas de campanha e escolha de novos ministros para compor o Congresso Nacional.

Para identificar como as perspectivas interseccionais se reproduzem nos podcasts mencionados, a pesquisa recorre à Análise de Conteúdo. Para isso, os dois

episódios foram transcritos já com a minutagem (decupagem) e foram ouvidos, pelo menos, períodos distintos. Após este processo, foi realizada uma leitura crítica das páginas de material transcrito. Nesta etapa, também foram selecionados os trechos de destaque que aparecem nas tabelas I e II. Após a análise individual de cada um dos episódios foi realizada uma comparação entre o material coletado, com objetivo de identificar como a interseccionalidade se reproduz também nas entrelinhas.

UM MÊS DO NOVO GOVERNO

Publicado no dia primeiro de fevereiro de 2023, o episódio do #75 Um mês do novo governo, do Bendita Sois Vós, traça uma linha do tempo do cenário político brasileiro, com destaque na posse do presidente recém reeleito. Com uma hora e quatro minutos de duração, o episódio, apresentado pela jornalista Geórgia Santos, traz o posicionamento de outros três jornalistas que co-apresentam o podcast: Flávia Cunha, Igor Natusch e Tércio Saccol - todos brancos -, ambos articulam seus pensamentos com base no material já produzido durante o primeiro mandato do presidente Lula. O episódio mencionado segue o padrão do programa e é apresentado no formato mesa redonda.

Rellstab (2022) usa a definição de mesa redonda para descrever quando mais de um apresentador aborda um assunto específico com apoio ou não de um entrevistado. Nesta configuração, o programa pode ou não ter sua transmissão exibida ao vivo e em vídeo.

Para compreendermos de que forma os episódios se diferenciam entre si em relação a interseccionalidade, recorreremos a três modos de pensamento relacional dentro da teoria - a saber da racionalidade, por meio de adição, articulação e da interdependência (COLLINS, 2020, p.30).

Tabela I - Marcadores sociais perceptíveis durante o episódio #75: Um mês do novo governo, do podcast *Bendita Sois Vós*

RAÇA	GÊNERO	CLASSE	NACIONALIDADE	RELIGIÃO
Abertura. Descrição das pessoas presentes na posse. Geórgia Santos (1'32)	Abertura. Descrição das pessoas presentes na posse. Geórgia Santos (1'32)	Abertura. Descrição das pessoas presentes na posse. Geórgia Santos (1'32)	Abertura. Descrição das pessoas presentes na posse. Geórgia Santos (1'32)	“Sonho da população é ser cristão”. Tércio Saccol. (36’)

RAÇA	GÊNERO	CLASSE	NACIONALIDADE	RELIGIÃO
Menção específica ao povo Yanomami pela primeira vez. Geórgia Santos (4')	Posse das ministras Sonia e Aniele. Geórgia Santos (1'32")	Menção específica ao povo Yanomami pela primeira vez. Geórgia Santos (4')	Menção específica ao povo Yanomami pela primeira vez. Geórgia Santos (4')	
Menção ao povo Yanomami, entre 10 a 15 vezes, em diferentes vozes.	Questionamento sobre quem irá cuidar da população. Geórgia Santos. (18'10")	Menção ao povo Yanomami, entre 10 a 15 vezes, em diferentes vozes.	Menção ao povo Yanomami, entre 10 a 15 vezes, em diferentes vozes.	
Questionamento sobre quem irá cuidar da população. Geórgia Santos. (18'10")	Olhar para grupos que foram hostilizados. Flávia Cunha (19')	Questionamento sobre quem irá cuidar da população. Geórgia Santos. (18'10")	Questionamento sobre quem irá cuidar da população. Geórgia Santos. (18'10")	
Olhar para grupos que foram hostilizados. Flávia Cunha (19')	Impeachment da Dilma e outros casos. Igor Natusch e Geórgia Santos. (21'), (31') e (32)	Olhar para grupos que foram hostilizados. Flávia Cunha (19')	Olhar para grupos que foram hostilizados. Flávia Cunha (19')	
	Candidatura de Simone Tebet Igor Natusch. (50')			

Fonte: Produção própria (2025).

A primeira vez que a jornalista Geórgia Santos cita diretamente os fatores sociais relacionados à questões tanto de gênero, quanto de raça, classe e nacionalidade, trata-se da abertura do episódio (1'32"). Na ocasião, a apresentadora menciona quem era o público presente no momento de posse do presidente Lula - que, desta vez, diferentemente das gestões anteriores, a faixa foi colocada pela população, enquanto o ato, historicamente, era feito pelo ex-presidente. É possível identificar a fala, por meio da locução, “estava o povo brasileiro, já que o antecessor não quis passar a faixa, não é mesmo? Mais especificamente, as camadas mais agredidas pelas medidas de Jair Bolsonaro ou pela falta delas” (1'32).

Os marcadores sociais de raça, gênero, classe e nacionalidade, embora, em grande maioria, sejam abordados pela mesma pessoa (Geórgia), aparecem praticamente de forma igualitária. No primeiro caso, a jornalista questiona:

Quem vai olhar para o meio-ambiente com cuidado, quem vai olhar para os povos indígenas, quem vai olhar para os para a população negra, quem vai olhar para as mulheres, quem vai, enfim, ter uma preocupação genuína com os direitos humanos e uma preocupação genuína com pautas de minorias que eram não só negligenciadas no governo Bolsonaro, mas que eram atacadas, né? (18:10).

Os marcadores relacionados à religião, no entanto, são abordados de forma explícita apenas uma vez pelo jornalista Tércio Saccol (36'). Embora outros marcadores apareçam ao longo dos episódios analisados, o quantitativo (Tabela I) deixa claro que não apenas os episódios, mas o programa como um todo, apresenta características interseccionais com recorte de raça e nacionalidade, ao destacar, entre dez a quinze vezes, diretamente o povo Yanomami.

A LEI É PARA TODOS?

Publicado na mesma data, primeiro de fevereiro de 2023, o episódio #119: Manifestações golpistas de 8 de janeiro: A lei é para todos?, do Papo Preto, assim como o Bendita Sois Vós, traz um resumo dos primeiros dias de mandato. Dessa vez, o foco é voltado para manifestantes que não aceitaram os resultados das eleições democráticas e invadiram a sede do governo em Brasília. Participam da conversa, o mediador no espaço Memória Carandiru, Maurício Monteiro e a integrante da bancada feminista de São Paulo Caroline Lara. O debate é intermediado pela apresentadora Stela Diogo.

Diferentemente do episódio analisado do programa Bendita Sois Vós, neste, o formato de entrevista traz abordagens com foco em dados e pesquisas sobre a diversidade, principalmente, de gênero, raça e classe. O programa, apenas na abertura, recorre às sonoras de outras autoridades. No entanto, o material conta com uma série de cortes brutos para inserção da locução de Stela entre a resposta dada pelos entrevistados - o que reduz o fluxo de informações que até o momento era transmitido.

Tabela II - Marcadores sociais perceptíveis durante o episódio #119: Manifestações golpistas de 8 de janeiro: A lei é para todos?

RAÇA	GÊNERO	CLASSE	NACIONALIDADE	RELIGIÃO
Participação de Caroline Lara - bancada feminista de São Paulo	Participação de Caroline Lara - bancada feminista de São Paulo			
Participação de Maurício Monteiro		Ressocialização da população encarcerada. Maurício Monteiro (4')		
Pesquisa do perfil da população encarcerada. Stela Diogo (6'03'')	Descrição do perfil da população encarcerada, Maurício Monteiro (5'35)	Descrição do perfil da população encarcerada Maurício Monteiro (5'35)	Descrição do perfil da população encarcerada Maurício Monteiro (5'35)	

RAÇA	GÊNERO	CLASSE	NACIONALIDADE	RELIGIÃO
Movimento negro, população pobre. Caroline Lara. (07:47)	Pesquisa do perfil da população encarcerada. Stela Diogo (6'03")	Movimento negro, população pobre. Caroline Lara. (07:47)		
Questionamento se terrorismo é crime com base na questão racial. Maurício Monteiro (10'44")	População trans em cárcere. Stela Diogo (18'50")			
Questionamento sobre quem já viu alguém ser preso por racismo. Maurício Monteiro (12'07")	"Enquanto nossos meninos, meninas e nossas travestis são presas com 50g de maconha". Caroline Lara. (29'58")	Descrição do comportamento da polícia. Caroline Lara. (20'21")		
Prisão de Rafael Braga - homem negro, no Rio de Janeiro. Stela Diogo (6'03")				
"Maioria das pessoas assassinadas pelo Estado eram pretas" Maurício Monteiro. (23'10)				

Fonte: Produção própria (2025).

Ao longo do episódio, a questão racial aparece de forma evidente em diferentes momentos, tanto pela formação do programa, quanto pelo discurso utilizado pelos entrevistados. Na mesma linha, a presença da especialista Caroline Lara, da bancada feminista de São Paulo, também marca a presença de, ao menos, dois marcadores sociais: raça e gênero.

No discurso, o primeiro momento que a questão racial ganha destaque trata-se da descrição da população encarcerada no Brasil feita por Maurício Monteiro (5'35"). Na sequência, a jornalista Stela Diogo traz a pesquisa do Departamento Penitenciário Nacional, com base em dados de 2002. Segundo ela, "a maioria eram jovens negros e de baixa escolaridade, sem contar que a superlotação do sistema carcerário se deve principalmente pela demora dos julgamentos" (6'03") - o que também cruza os marcadores gênero e classe.

As temáticas relacionadas ao marcador raça permeiam praticamente a totalidade do episódio, sendo mencionada pela mediadora e a pelos entrevistados, como demonstra Maurício Monteiro já na reta final:

A própria democracia liberal, que a gente tem todas as nossas questões enquanto movimento negro, enquanto socialistas, nós dizemos o quanto ela é limitada. Para a população pobre, para a população negra, para os

trabalhadores, porque ela ainda beneficia uma burguesia, ainda beneficia uma elite branca (32'35").

Embora presentes em menor quantidade, temáticas que abordam questões de gênero (5) e classe (4) também estão presentes no podcast Papo Preto e adotam, na prática, a perspectiva interseccional. A nacionalidade, no entanto, é mencionada diretamente apenas uma vez, na mesma fala dita por Maurício Monteiro (5'35") durante a descrição do perfil da população encarcerada.

A INTERSECCIONALIDADE NOS PODCASTS BENDITA SÓIS VÓS E PAPO PRETO

O uso da interseccionalidade como uma ferramenta crítica mostra como diferentes categorias de relações de poder se interconectam, pois este domínio cultural enfatiza a importância das ideias e da cultura na organização destas relações (COLLINS, 2022). Nesse sentido, um dos primeiros pontos que identificam a presença da interseccionalidade nos podcasts Bendita Sóis Vós e Papo Preto trata-se da diversidade entre os apresentadores. Nos dois casos, os programas contam com, ao menos, dois dos marcadores sociais defendidos por Collins (2022).

Embora o quadro de apresentadores do Bendita Sóis Vós seja composto apenas por pessoas brancas, há uma paridade em relação ao gênero. Além disso, todos integrantes atuam em outras atividades em paralelo à realização do programa, o que traz uma reflexão sobre a condição salarial (classe). Já no programa produzido pelo Alma Preta, todos os integrantes que compõem a bancada são pessoas negras, além de incluírem tanto homens quanto mulheres.

Outro fator que contribui para a presença de marcadores sociais refere-se ao formato. Em programas que seguem a mesa redonda, há uma tendência de parte, ou maioria, dos membros seguirem uma mesma linha ideológica - o que faz com que o discurso seja direcionado a um determinado grupo da sociedade. Em paralelo a isso, a entrevista, embora também siga a mesma linha de raciocínio, é consolidada a partir de pesquisas e diálogo com a população. Ou seja, mesmo com o formato semelhante, a bagagem e a condição dos apresentadores diferencia o conteúdo dos modelos tradicionais condicionado a um único perfil de narrador.

O terceiro ponto que difere os episódios mencionados está relacionado ao contexto dado para os fatos estabelecidos. Enquanto no programa Bendita Sóis Vós, os apresentadores utilizam do recurso opinativo, o episódio do Papo Preto traz argumentos e reflexões sobre o funcionamento do sistema penal do Brasil - que, de acordo com os apresentadores, é composto majoritariamente por homens negros e jovens.

CONSIDERAÇÕES

Utilizando a perspectiva interseccional adotada por Collins (2022) é possível considerar que os episódios analisados dos podcasts Bendita Sóis Vós e Papo Preto estabelecem um diálogo baseado em condições sociais, seja pela formação do programa, pela escolha de entrevistados ou até mesmo pela escolha de sonoras, embora apresentem uma diferença entre si no que diz respeito também número de vezes que os marcadores sociais transparecem nos programas.

Entre as 37 falas destacadas - além do quadro diverso de apresentadores - 13 estão diretamente conectadas a questões de raça e 11 de gênero. Os dados indicados nos quadros I e II deixam claro que os portais independentes de jornalismo, aos poucos, inserem traços da interseccionalidade em suas produções. Devido ao fato do Papo Preto tratar do tema com mais propriedade, o número de falas direcionadas a pautas raciais é superior ao número de vezes que os apresentadores e entrevistados comentam sobre igualdade de gênero.

Os dados também evidenciam que os marcadores sociais, geralmente, são elencados pelas jornalistas/fontes mulheres, o que reforça a necessidade da presença de mulheres dentro e fora dos moldes ditos tradicionais do radiojornalismo. Na sequência, surgem assuntos conectados com a classe social (9), a nacionalidade (6) e, por fim, a religião (1). Para Ribeiro (2019, p. 70-71), a questão crucial desse debate, no que se refere ao interesse pela cultura de certos povos, não caminha lado a lado com o desejo de restituir a humanidade de grupos oprimidos.

Por isso, reconhecer a amplitude do contexto atual de descoberta da interseccionalidade é importante para continuar a reunir uma gama de pessoas, perspectivas e ideias para tais diálogos (COLLINS, 2022, p. 209). Principalmente,

dentro do contexto comunicacional onde a mídia, além de cumprir seu papel de informar, também influencia diretamente na vida das pessoas.

Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. 1.ed. São Paulo: Pólen, 2019.

ALMENARA, Igor. **Spotify revela os artistas mais ouvidos em 2022**. Canaltech, 2022. Disponível em:
<https://canaltech.com.br/apps/spotify-revela-os-artistas-e-podcasts-mais-ouvidos-em-2022-231347/>. Acesso em: 25 jun. 2023.

CABRAL, Lucas Santos Carmo; WOITOWICZ, Karina Janz; ROCHA, Paula Melani; AMARAL, Muriel Emídio Pessoa. Para pensar um jornalismo interseccional: propostas epistemológicas. **Revista Latino-americana de jornalismo**. João Pessoa, v.8, n.2, p. 40-59, jul./dez.2021. Disponível em:
<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ancora/article/view/60870>. Acesso em: 2. mai. 2024.

COLLINS, Patricia Hill. **Bem mais que ideias**: A interseccionalidade como teoria social crítica. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2022.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

DATAREPORTAL. **Digital 2023**: Brazil. The state of digital in Brazil in 2023. Disponível em:
https://datareportal.com/report-embed-issues/?utm_source=DataReportal&utm_medium=Country_Article_Hyperlink&utm_campaign=Digital_2023&utm_term=Brazil&utm_content=Embed_Issues_Link. Acesso em: 16 ago. 2023.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina Damboriarena; BORELA, Suzanne; DAHLEH, Simone Munir. Covid-19 e jornalismo independente: experiências e interseccionalidade nas narrativas e leituras sobre a primeira vacinada no Brasil. **Revista Líbero 25 anos**, N. 50, p. 100-117, 2022. São Paulo Brasil. Disponível em:
<https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1507>. Acesso em: 5 ago. 2023.

GAMBA, Filipe Pereira. **A Readaptação do Rádio a partir da Internet** : Uma Análise Dos Modelos Da BBC E Da Rádio Gaúcha (2018). Web. Disponível em:

https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/8304/2/FILIPPE_PEREIRA_GAMBA_DIS.pdf
f. Acesso em: 22 abr. 2025.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: Políticas arrebatadoras. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HALL, Stuart et al. **A produção social das notícias**: o mugging nos media. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Vega, 1999. p. 224-248

MORALES, Tania; FERREIRA, Lésle. **Mulheres no radiojornalismo**: mapeamento da presença de vozes femininas em programas jornalísticos de rádio. Revista Alterjor, [S. l.], v. 26, n. 2, p. 111-122, 2022. DOI: 10.11606/issn.2176-1507.v26i2p111-122. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/196887> . Acesso em: 15 ago. 2023.

MORGAN, D. L. **Focus group as qualitative research London**: Sage, 1997.

RELLSTAB, Clara Cavalcanti. **Gêneros Radiofônicos na podosfera**: como os formatos têm sido adaptados aos podcasts. Paraíba, setembro de 2022. **Anais...Paraíba**: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2022. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0807202220440862f04e48cc0b7> Acesso em: 17 abr. 25.

SANTOS, Leticia de Faria Ávila. **Interseccionalidade no jornalismo**: potencialidades do jornalismo com perspectiva de gênero. 2022. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/042520220918396266919f7768b>. Acesso em: 15 mar. 2025.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: Porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

VEIGA, Marcia. **Masculino, o gênero do jornalismo**: um estudo sobre os modos de produção das notícias. 2010. 250f. [Dissertação]. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS. Porto Alegre, RS, 2010.